

Leitura para raparigas

RESPOSTA A UMA CARTA

Entre as muitas cartas que meche do Brazil, não se esqueço a meu coração, de muitas da Ismgelita...

É a carta de uma senhora brasileira, perguntando-me a leitura que deve dar a sua filha, para lhe alentar o espirito curioso, avido de instrução, avido de saber.

Esta senhora sabe que eu sou mãe, que tenho educado dous filhos, um rapaz e uma rapariga, que devo portanto ter-me preoccupado profundamente com este complexo e difícil problema da educação moderna...

Este artigo da conhecida e respeitada portugueza, publicando no Jornal de Commercio...

Suportar nos raparigas que leiam muito, conseguir dnas raparigas que não tenham leituras.

Neste momento trato apenas do systema a usar com as leituras das filhas deixando de parte, para não alongar extremamente o assumpto, a leitura dos rapazes.

Dous exemplos se offerecem as exigências da mãe que tem por filha uma rapariga intelligente, curiosa, avida de saber.

Um escolher com escriptural attenção os livros insignificantes de uma litteratura offensiva e banal, que nada lhe offereça a imaginação de perigoso, mas que tambem nada lhe de ao espirito desse alimento nutritivo e são com que se forma e se fortalece um caracter, um então rotar um certo risco, e fazer-lhe ler as obras primas de todas as grandes litteraturas...

Esta escolha de alimento intellectual para uma criança, depende principalmente da facultade discriminadora e critica que a mãe possui.

Ha naturezas exaltadas que é perigoso exaltar mais; ha naturezas apathicas que é mister estimular e sacudir; ha naturezas mesquinhas que é necessario dar a comprehensão do que o homem abriga no seio de mãe e de bom mas de grandioso em todo o vaso; ha naturezas inclinadas ao bem para as quaes tudo

é puro; as mais turvas aguem ao passarem pelo filtro de uma alma pura tornam-se crystallinas.

Portanto o, sim me atrever a dar conselhos absolutos em questão de tanta importancia e inagnidade, como é a formação e o aperfeiçoamento de uma alma de mulher, direi que na generalidade condemnem em absoluto a litteratura banal, a litteratura mediocre, as "bibliothecas cor de rosa" ou "azues" ou "lilaz"...

A mulher deve ser instruida de modo que possa entender, julgar, aconselhar ao homem no seu trabalho e na sua luta quotidiana com as difficuldades sempre re-nascentes da vida.

Eu não tenho nenhuma extra-avagante admiração pela mulher que sabe fallar muitas linguas, sendo certo que toda a pessoa, que julga « fallar bem muitas linguas », e o sabe fallar « acertadamente », nem pensar « com justiça » em nenhuma.

Ja basta tanto saber fa lar bem uma lingua, isto é, comprehendê-la e a accepção justa de cada palavra que se pronuncia, o sentido real, o seu sentido symbolico, o que ella sugere de ideas associadas, o que ella plenamente e completamente significa!

Maria Amélia Vaz de Carvalho.

Advertisement for PHOSPHATINE FALIÈRES, a medicinal product for children's health, featuring an illustration of children and a woman.

"PHOSPHATINE FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes...

Advertisement for Pó Laxativo de Vichy, a laxative product from Vichy.

Advertisement for NINON DE LECLOS, a hair care product, featuring a woman's portrait and detailed text about its benefits.

Advertisement for PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET, featuring 'MÃO DE PAPA' and 'UM NARIZ PICADO' products.

Advertisement for POUÇOS CABELLOS and NÃO ARRANQUEM MAIS, hair care products by E. Senet.

Advertisement for L.T. PIVER Paris, featuring various perfumes and cosmetics like Corylopsis do Japão and O Trêfle incarnat.

Advertisement for Espartilhos de Mmes de VERTUS SEURS, featuring a woman's portrait and details about the product.

Advertisement for Houbigant Paris, featuring 'AGUA HOUBIGANT' and 'EXTRACTOS PARA LENÇOS'.

Noção mythologica da religião

Entre as faculdades do homem, a primeira que se ergue na vida mental da criação e do selvagem, é a imaginação. Todas as litteraturas começaram por cantos, todas as lustruras por legendas e todas as religões por mythos ou symbolos.

A poesia apparece sempre antes da prosa.

ler as velhas narrações ou os movimentos das antigas religões, sem os criticar e sem os traduzir.

Os homens de outr'ora, tímidos e ignominios, como as crianças, viam por toda a parte signaes materiaes pelos quaes elles julgavam que se manifestava a vontade dos deuses.

Formou-se cedo uma arte essencialmente religiosa, a da *adoração*. Encontrou-se em todos os povos. Os

Livio no prefacio de sua historia de Roma: *Dei prociis vultu, ut, in corde humana dicitur, pueri videntur, ut, in aeterna facit*. Quanto as lustruras, a primeira que se ergue na vida mental da criação e do selvagem, é a imaginação. Todas as litteraturas começaram por cantos, todas as lustruras por legendas e todas as religões por mythos ou symbolos.

Naturalmente não são comparaveis aqua o das cousas; assignalamos somente a sua das representações. E não eram somente as instituições religiosas e politicas, eram ainda todas as especies de decisões e de emprozas que se attribuiam naturalmente a vontade dos deuses; declaravam guerra, razias a empregar, ordem e disciplina, extermínio dos vencidos, partilha de bens, condignas da paz, expiação de crimes, era feito em obediencia a ordens sobre-naturaes a authenticidade a ingenuidade popular discutia. Da mesma maneira uma inspiração divina explicava o dom de prever o futuro, o poder da palavra dos grandes oradores, a gloria dos homens politicos, o genio dos capitães a arte dos poetas e até a luctua de máo dos artistas ou mais afamados. As legendas, dirão sem duvida alguma, mas as legendas são universaes. Falla-se por toda parte a mesma linguagem, porque se pertence a toda a parte da mesma maneira.

Entretanto um grande progresso se deu em Israel. A noção da revelação tornou-se um pouco interior e moral. Nos prophetas, a revelação é concebida e não a acção do espirito entrando e agindo no espirito do homem, verdade que o conceito mystico persiste e se conhece nisso, que esta inspiração é representada com a invasão de um ser estrangeiro no ser humano, como uma especie alienação mental e de possessão.

O Espirito divino é uma força que sopra fora, um vento do alto a que ninguém resistiu, cujos efeitos são tanto suas victorias quanto seus oráculos. Sua acção se mede pela penetração dos inspirados, pelo desespero de suas faculdades, pela incoherencia de seus gestos de seus discursos. O delirio do homem é o signal da presença de Deus. Os loucos e extravagantes, os epilepticos passavam em parte por favores do céu. Em suas palavras ou em seus actos extranhos, julgavam-se oráculos divinos que elles reproduziam em sua propria vontade.

Esta violenta opposição entre a acção sobre-natural do Espirito divino e o exercicio das faculdades racionais veio se attenuando um seculo a outro, e facil venham os grandes prophetas de Israel e os escyptos possuimos, a tornarem sempre frequente *Assum o diu e o Espirito*, exprimindo a certeza subjectiva da inspiração, torpou-se em simples forma de rhetorica.

Deus falla de ora em diante a seu povo por sua eloquencia, sua fe, seu genio: *O Espirito do Eterno* e sobre mim exclama o seculo. *Esauis*; eis porque elle me unio para captivo poltres sua bo' nova, para annunciarme captivo a liberdade aos crentes a cura e paz a o anno da gra'a do seculor. - *Isaias LX*.

Esta evolução parece acabada na vida de Christo. Aqui a inspiração deixa de ser misteriosa, sem deixar de ser sobrenatural. Elle não se produz mais por accesso ou por intermitencia. Um velho evangelho n'esta admiravelmente esta mudança. No momento do baptismo de Jesus, o Espirito Santo lhe dizia: *Mi fili, expectabam in oculibus prophetis, ut venires et repares in me. Tu enim es spiritus sanctus*.

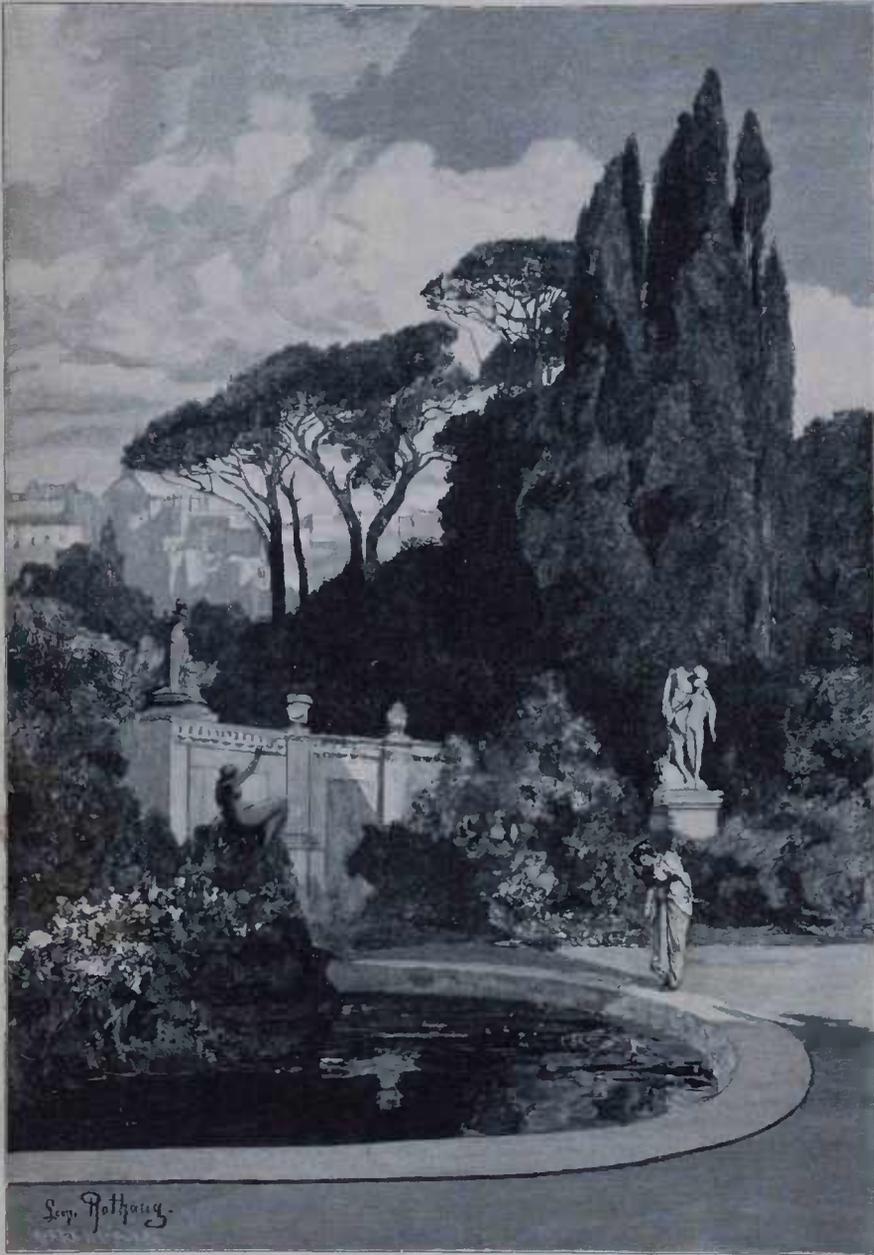
Seu continuo, a inspiração torna-se normal. O antigo conflicto do espirito divino e do espirito humano se esvae. A acção immanente e constante de um se manifesta na actividade regular e fecunda do outro.

Deus vive e trabalha no homem, o homem vive e trabalha em Deus. A religião e a poesia, a voz divina e a da consciencia do homem e o objecto da revelação se penetram, não mais que um. A revelação suprema de Deus biblia na mais alta das consciencias e na mais bella das vidas humanas.

Este progresso não é admiravel? Não deve elle tanto mais chamar a attenção quanto em vez de ser o effeito da critica racional, elle é, no christianismo, a obra exclusiva da poesia? Pois, tomada mais profunda, venceu as antigas mythologias erodidas pela ignorancia das primeiras edades. Despojando-se cada vez mais dos elementos extranhos e inferiores, a idea da revelação se achou tanto mais humana quanto elle apparece ou mais interior, mais constante, mais strictamente moral e religioso.

Christo não deu theoria critica da revelação; fez mais; deu-nos a realidade critica de uma revelação perfeita e permanente, apresenta-nos Deus e o homem tão intimamente unidos em todos os actos e em todos os momentos de sua vida interior, que se tornam inseparaveis.

O Pai age em seu Filho e o Filho revela o Pai a todos aquelles que o querem conhecer. Bem que conserve ainda muitos traços da velha noção mythologica (vidões, sonhos, visões), o aposto Paulo a achou com energia o caracter proprio da revelação divina e fez-lhe a theoria com uma ideia santa. Esta theoria consistiu na fusão e moradia do Espirito Santo no alma de todos os christos que se



UM IDYLLO

Não se pode ver senão o effeito de um racionalismo inveterado, em nossa promptidão a nos escandalisar, se nos mostram na biblia ou em volta do beijo do Christianismo, legendas e mythos que servem de envelopos sagrados as mais puras e ás mais sublimes revelações religiosas, como se o Espirito Divino, não pudesse servir, para se fazer comprehender dos ignorantes e dos simples, tanto das ficções da poesia, quanto dos raciocinios logicos, dos cautivos dos pastores e dos anjos de Belem, quanto do exagero e das argumentações rabbinicas da apostolo Paulo. O mytho so em apparencia e neutro. Quanto o coração e puro e sincero, os véus da fabula deixam sempre transparecer o rosto da verdade. Devemos alias desdenhar essa poesia? A infancia não se contenta em nossa idade madura e até na velhice? Nessas ideas abstratas serão outra coisa que não metaphora primitivas que uso e a reflexão empregaram e adelgaçaram?

Não é menos verdade, como diz o aposto - Paulo, que avançando em idade não tenhamos deixado atraz de nos o fallar e o pensar da criança. Os primeiros homens não sabiam distinguir entre o fundo e a forma de sua crença. Esta distincção se nos tornou facil. Os espiritos os mais conservadores não podem mais

antigos hebreus não constituem excepção. Elles julgavam ouvir no trovão a voz de Jahveh. Elles o consultavam pelo Urin e o Timmem e pelo ophal sagrado. Elles tanto quanto os gregos não dividiram da origem divina nem do sentido propheticos dos sonhos. Invocavam-se igualmente os mortos, interrogavam-se o vóo dos passaros, estudavam-se as palpações e as figuras que se desenhamam sobre as palpações e as victimas; ouvia-se o ruído do vento na folhagem das carvalhos ou o dos aguas nos outros sonoros.

Havia em todo um conceito exterior e de algum modo physico da revelação divina de que os povos modernos acbaram por desfazer, mas por onde todos começaram.

Nas mais antigas tradições do hebraismo, Deus falla a Adam, a Noé, a Abrãã, a Moyses, como um homem falla a outros homens, em sons articulados e untados pelo ouvido. A formula sagrada *Assum o diu e o Eterno* serve de introdução uniforme ás leis civis, politicas, rituales, tanto quanto ás leis moraes e religiosas. A religião abraçava então e regulava toda a vida.

Os grandes imperios da antiguidade se davam todas uma origem divina. Conhecese a palavra de Tito.

formou por sua vez Filhos de Deus e gozam por este espirito do mesmo commercio circulo e permanente com o Pae.

Este espirito não é mais um li sponde extranho ou uma força perturbadora; torna-se em nos uma segunda natureza. Eis por que o christão liberta-se de todas as velhas tutellas julga tudo e não é julgado por coisa alguma; tem sua lei em si mesmo de sorte que, desta inspiração, nasceu sua autonomia e sua liberdade. Mas nem esta liberdade espiritual nem a elevada concepção que della decorria, podiam sustentar-se por muito tempo. Preoccupadi com fundar sua autoridade e não podendo ter outro meio, a igreja catholica fê-la consistir em regras e em dogmas e, por esta mudança transformou naturalmente a noção em symbolo.

A. SAMATIER.

Legenda oriental

(VIAN TOULOU ESTRE)

Quem não conhece em Bagdad o grande Giáfar, a sol da universidade?

Um dia, ha muito foi isto, Giáfar, bem moço ainda passava pelas cercanias de Bagdad. De repente fôr-lhe adivida um grido d'acanto: algum pecca segurar com o d'espero na viz.

Giáfar distinguia-se entre os moços de sua idade pela prudencia e circumspecção; era de coração compassivo, e, ainda mais, confiava em sua força.

Acendo e encontram um velho decrepito que dois bandoleiros haviam inculido contra um muro e estavam dispostos a roubar. Giáfar desculpou-lhe o sobre e fez frente aos miseráveis; um nutrou, o outro fugiu.

O velho calou nos pés do libertador e agradeceu-lhe a alta de vislho, exclamou:

— Joven corajoso, tua generosidade não ficara sem recompensa. Parece um poltra mendiga, mas são apenas apparencias. Não sou homem como os outros. Vão apanhada demodrada, ao grande hazar. Esperar-te-hei junto a fonte, e poderas te conveneer da verdade de minhas palavras.

Giáfar reflectiu: Tudo é possível neste mundo; porque não tentar? E respondeu:

— Pois bem, meu pae, irei.

O velho fixou-lhe os olhos com penetração e retirou-se.

No dia seguinte, ao romper da aurora, Giáfar dirigio-se para o hazar. O velho pa esperava, moestado ao pilar de mármore da fonte. Sem pronunciar palavra tomou a mão de Giáfar e conduzio-o a um pequeno jardim cercado por todos os lados por uma alta muralha.

Exactamente no meio do jardim, sobre a verde relva ostentava-se uma arvore de extraordinario aspecto. Assemelhava-se a um cipreste; somente a folhagem era de um azul claro. Tres fructos, tres maças pendiam dos ramos finos e directos: uma de grande na moilla, comprida, hucna e azul; a outra grande, redonda, de um azul escuro; a terceira possuia um emmurelhada, de um cor de cinza amarelada.

Toda a arvore agitava se lentamente, como se não houvesse aragem; um fútilo fino e queixo saia dos ramos, como si a arvore fizesse de vislho. Diz-se-a que sentia Giáfar appoximar-se.

— Joven, disse o velho, colhe destes fructos o que quizeses, e salte qual venha a ser a virtude. Si colhas e comes a maça branca, serás o mais espirituoso de todos os homens. Si colhas e comes a maça vermelha serás rico como o israelita Hothschild. Si colhas e comes a maça amarella, aradaras as mulheres velhas. Decide, quanto antes, po que dentro de uma hora os fructos vão amurechar, e a propria arvore abismar-se-ha nas surdas profundezas da terra.

Giáfar abaixou a cabeça e começou a sonhar. — Que vaes fazer? perguntou como que falando consigo.

— Si dizes muito espirituoso, talvez não queiras viver mais. Si te tornares o mais rico dos homens, todos os homens te hão de invejar. O melhor que colhas a pequena maça emmurelhada.

Aponhava, o velho surriu e disse:

— Não mais persigaz dos rapazes! Escolheste bem. Para que necessitas da maça branca? Tuas maças amureladas que salo-me. A maça vermelha também te é inutil, serás rico sem ella. Ninguém atrever-se-ha a emburar-te a rapieza.

— Então me, velho, disse Giáfar, erge-te e, ande amora a resquitar-me e dá-me a calha, que Deus guarde!

O velho levou com a testa no chão e mostrou ao joven a rampilha da pa-

Primavera

Quando risonha vem rompendo a aurora
Tudo se alegra, e logo os passarinhos,
D'entre as ramagens — deixando os seus ninhos —
Em alvorada rompem sem demora.

E alegremente, n'essa mesma hora,
Ranchos de moças seguem seus caminhos,
— Vão para o campo (tarefa de espinhos)
Rompendo em cantos, n'uma voz sonora.

E ouvindo os cantos, logo os namorados
Ao seu encontro sahem, animados,
Cumprimentando-as carinhosamente...

E todos cheios d'esse amor tão santo,
Elles gosando vão no doce encanto
Que se acabou pra mim eternamente!

Rio—98.

ANDRÉ DA SILVA.

Crenga

Tanto esse eterno amor que em te devoto, imenso,
E que no peito sinto em convulsões, vibrante,
E' grande como sol e como sol flamante,
E casto como a luz e puro como o incenso.

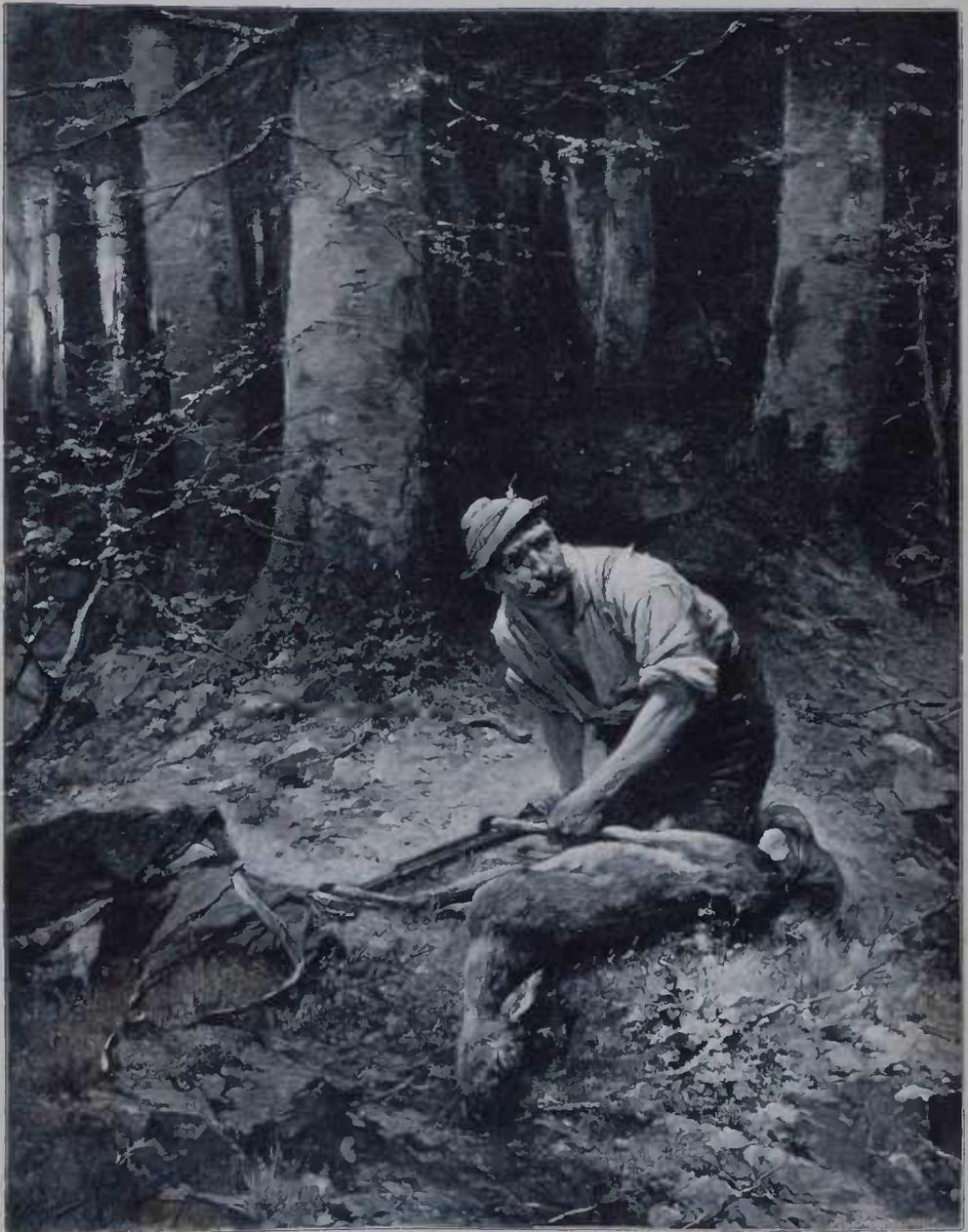
Elle que me conduz pelo roteiro extenso
D'essa vida de dôr, de lágrimas constante,
Como um disco no céu, mostrando ao caminante
Um caminho a seguir, onde o caminho é denso.

Talvez que esse viver alegre e satisfeito,
 Sentindo a paz de um sonho a rir dentro do peito
 Como um balsamo a dôr em placida meignice,

Não tivesse, meu Deus! si elle um dia faltasse,
 Si em vez de luz do mundo em treva se tornasse,
 Si o affago desse amor em nunca mais sentisse!

(Nimbos)

LUZ EDMUNDO.



O CAÇADOR FURTIVO

Quem não conhece em Bagdad o grande e todo poderoso

Um genio sobre um throno

Tal e o titulo de um estudo que *The Century* acaba de publicar, firmado pelo nome do Sr. Poultney Ingelow que foi amigo de infancia do Imperador Guilherme II. Ja adivinhámos quees são o genio e o throno de que se trata. Para o Sr. Ingelow, o impetuoso soberano germanico e um homem excepçãoal e superior. A maneira porque o autor do artigo manifesta a sua admiração pelo seu antigo conhecido de folguedes infantis e tão característica que me parece dever ser transcripta:

«Quasi nunca entre as grand's familias reinantes, a sua ucha se imbuir de qualquer desamulho social, e se as coisas viessem a transitar na se do modo mais adverso, elle seria talvez o unico ent e os soberanos do mundo q. e poderia salhar-se de apuros e ganhar a sua vida, quer como constructo naval, quier como jornalista, quer ainda como militar. Entre os seus hombrns está uma cabeça de *robber*. Isto escrevi em ha dez annos e continua a ser verdade hoje.»

O Sr. Bigelow e americano. Por isso, quando elle escreve que Guilherme II passe entre os hombrns uma cabeça de *robber*, o Sr. Ingelow clevo se ao mais alto grau de lytismo e de enthusiasmo a que pode alcançarem se alguns de sua raça. Nunca o Imperador Guilherme ouviu hsonia igual.

O Sr. Bigelow mostra nos a Guilherme II franco e leal como a sua espada, tendo em horror a hypocrisia e a mentira. Os seus actos mais illustres de comprehender deixam se logo penetrar desde que se admitta que ao pratical-os, elle não pensou senão em ser util ao bem geral. E é, com effeito, esta a sua constante preoccupação.

Uma das paginas mais curiosas deste estudo é aquella em que o Sr. Bigelow nos expõe a theoria do Kaiser sobre os seus diversos e responsalidades de soberano:

«Guilherme II conhece a Inglaterra e a Noruega, os dois paizes mais repubblicanos da Europa, e francamente admitta que o Governo popular pode dar excellentes resultados em paizes familiari ados com o mechanismo da legislação; mas os allemães não estão neste caso e necessitam de outro regimen. Discutirá este thema livremente com qualquer interlocutor. Imagino-o muito capaz de se exprir nestes termos: «Mostre-me um paiz que em duzentos annos se tenha tornado forte como a Alemanha e que ao mesmo tempo haja feito tanto em prol da educação e do bem-estar material do povo. Mesmo a America teve a sua longa guerra civil e hoje em dia ferece ao mundo um espectáculo de administração municipal, para já não falar da sua egistração senatorial, que nenhum allemão necessita de invejar. Pelo que me diz respeito, creio que um homem pode governar melhor do que um Congresso, assim como um capitão pode commandar melhor o seu navio do que uma deputação da equipagem.»

O Sr. Bigelow põe em relevo a generosa attitude do imperador para com o Principe de Bismarck. Guilherme II, pouco depois de se ter desaharado da pesada tutela do grande chanceller recém-extincto, jurara que, fossem quaes fossem os excessos de linguagem que o oespeito inspirasse a este ultimo, da sua bocca nunca sahiria uma palavra contra elle. E cumpriu o seu juramento.

No decurso de mais de oito annos, Bismarck frequentes vezes se assignalou por uma opposição violenta á politica imperial, não hesitando ideante da divulgação de segredos de Estado. Durante este lapso de tempo nem uma so vez o Imperador se referiu a elle senão com a linguagem de um filho para com um pai excentrico e algum tanto exasperado.

O Sr. Bigelow pensa que não ha soberano mais popular do que Guilherme II. O seu povo não se priva de o criticar acerbamente e ás vezes, mais, a se melhan a dos *royards* de sapoleão, seguiu-o-lhe até á morte, resmungando sempre. E' que Guilherme II se imbuí a admiração dos seus subditos pela sua devoção fiel ao que elle julga ser o seu dever.

Se a nação germanica fosse convertida a um pholoscito a fim de esolher o seu Chefe, o Sr. Bigelow esta convencido de que Guilherme II obteria um triumpho popular que assombrara o mu do.

O autor do estudo allude em seguida ao trabalho enorme que pesa sobre os hombrns do Monarcha e de que elle se desempenha conscienciosamente, graças a faldadades raras e eminentes.

«Uma das causas do grande prestigio do Imperador e o seu conhecimento pessoal, não só de titulos os soberanos da Confederação, como de todos os hombrns de importancia official do seu paiz. Não ha uma unica provincia da Alemanha que elle não conheça a palmo e a sua memoria de nomes e de semelhanças e tamanha que, para elle ver uma vez uma pessoa e conhecel-a para o resto da sua vida. Neste conhecimento do seu paiz, deixa a perder de vista todos os seus predecessores a um throno da Prussia e todos os demais Soberanos de seu tempo.»

O que torna sympathico Guilherme II e o que não e de espirito estreito e miullante para com as camadas diversas da sua.

Não passou em Berlim um estrangeiro notavel, ha dez annos a esta parte, sem que Guilherme II o houvesse chamado á sua presença conversal memoradamente com elle, deixando-o sempre impressionado com o vastidão e multiplicidade dos seus conhecimentos.

O que se passou com Mark Twain, cuja litteratura o Imperador aponta a milto, e bastante característico. Não sei porque motivo o embaixador americano se recusou a apresentar ao Imperador o celebre humorista por occasião da sua recente estada em Berlim. Pois o Imperador não descompenço enquanto o não convidou directamente para vir almoçar ao Paço.

Isto prova que Guilherme II e alem de tudo, um homem de espirito.

CHRONIQUETA

Rio, de Novembro de 1898.

A nota do dia e o pagamento de Deocleciano Martyr *el rebaja* accusados de tentativa de assassinato na pessoa do honrado Sr. Prudente de Moraes, presidente da Republica.

Nenhum brasileiro honrado desejava a impunidade dessa gente, mas não ha duvida que a pena foi excessiva e a condemnação iniqua.

A Deocleciano devam o maior parigo do posso co-digo, e e provavel que o muidissimo enforcem se amida tivessesmo a pena de morte. Velloso, um comparsa de terceira ordem, gramou 24 annos!

O resultado dessa iniquidade e írem os accusados a novo jury, que peccara, necessariamente, pelo excesso contrario: são capazes de absolver-os.

Depois — francamente! — as circumstancias que rodeavam a sessão do jury foram antipathicas, e a justiça não se pode defender de haver querido exercer certa pressão no espirito publico. Protelaram o processo, de modo que a sessão coincissem com a data do assassinato do heroico marechal Machaolo Bittencourt e cercaram os jurados de uma enorme força armada, como se alguma conspiração tramasse alquem contra o jury. E para uclar o facto de uma solemnidade á papae Bastilo, celebraram a sessão no Cassino Fluminense, no mesmo salão em que ha dias a flor da nossa sociedade, entre danças e contradanças, dava as boas vindas ao dr. Campos Salles.

Nesse mesmo dia — 5 de novembro — foi inaugurado no Arsenal de Guerra o busto do marechal sacrificado, que havia um anno salvara com a vida o seu paiz das garras da anarchia. Foi uma cerimonia digna.

Ao Sr. Campos Salles, que dentro em sete dias, receber, das mãos tremulas do Sr. Prudente de Moraes as redas do governo, todo o tempo tem sido pouco para receber visitas e mais visitas. Nunca ninguém se viu tão visitado...

Ha dias foi lido — em conselho de futuros ministros — o manifesto com que o illustre paulista vai inaugurar a sua presidencia. Não conheço ainda nem adivinho os termos desse documento, mas — sejam elles quaes forem — faço votos para que o Sr. Campos Salles jamais os desmita. Não se deixe levar por mãos exemplos.

As representações do Centro Artistico têm sido promissoras de uma época de renovamento, e os esforços da grande associação nacional são, felizmente, bem comprehendidos pela fina flor da sociedade fluminense.

Se o que tem feito o Centro não e ainda o ideal sonhado, e, pelo menos, uma fanção do que fará. *Il faut commencer par four*, dizem os francezes, que são nossos mestres, principalmente em assumptos de arte.

Tenho que registrar o inesperado fallecimento de um notavel professor, medico illustre, ornamento singular da alta cirurgia brasileira, — o Dr. Oscar Luthoes.

A. A.

THEATROS

8 de Novembro de 1898

O terceiro espectáculo do Centro Artistico foi com a 2ª representação da comedia *Doubrs* de Valentin Magalhães, e a 3ª da *Hostia*, opera em 1 acto, letra de Coelho Netto, musica de Delgado de Carvalho. E' um trabalho absolutamente, Delgado de Carvalho e um moço talentoso, mas não tem ainda o preparo sufficiente para uma obra de tanta responsabilidade.

O quarto espectáculo constou da 3ª representação da *Artemis*, da 2ª da *Hostia*, e da 1ª da *Ironia*, drama em 1 acto, de Coelho Netto, que tem o melhor par tido da seguinte situação; uma atriz tem o filhoho agostante, e e obrigada, por dever do officio, a tomar parte n'um espectáculo que não pode ser transferido. A peça produzio muito effeito, sendo regular mente interpretada pelas distintas amadoras, — D. D. Antonietta Saldanha da Gama, Emilia Barros Barreto e Esmeralda Brandão, e Srs. Barbosa Romeu Filho, Pires Ferrão Junior e Henrique de Hollanda. O publico applaudiu com enthusiasmo.

Realisa se hoje, sempre no theatro S. Pedro, o quinto espectáculo, com as seguintes representações do *Budeo* e de *Ironia* e a quarta de *Artemis*.

O Centro Artistico deve estar satisfeito.

No mesmo theatro, que agora parece outru, graças a luz incandescente, tivemos o bailallo a *Fada da Bo-*

necos, executado por uma companhia de baile, conhecida pelos empenzarios Rotei e Sautima. É um espectáculo para crianças, que não desagrada aos adultos.

Simultaneamente com essa companhia de baile da espectaculo a companhia de opera travada de ha poucos empenzarios, mas ja sem e kumas furas importantes como sejam Maria Botte, Belagambra, Dantas e Betti.

Os espectaculos não eram e grande coisa, mas a *Fada da Boite*, de Prudente, salvou os creditos da companhia, por um successo.

O Apollo, depois de algumas representações de *Paraso* e da *Filha do inferno*, fechou as portas para fazer os ultimos ensaios de *Itama Cavallito*, do Deo-celle, traduzido por Orlando Teixeira.

A companhia, que abriu uma nova assignatura de sen pçitas, está dando os seus ultimos espectaculos, pois brevemente parte para a Bahia, onde aguarda uma subvenção de vinte milreis de reis.

No Variedades a grande novidade e o reaparecimento do estimado actor: Lugene de Magalhães, que veio de S. Paulo reforçar a companhia Dias Braga, estreitando-se no papel de Atx Karner, do *Amor de moa uste*. O projecto artistico foi muito bem recebido pelo publico.

Regressou da sua longa excursão ao Norte a companhia Silva Pinto, que brevemente reaparecerá no Recreio com a *Capital Federal*.

X. Y. Z.

Recebemos e agradecemos aos srs. E. Bevilacqua & C., as seguintes musicas: GALHARDIA, Schottisch por Ismael Madeira. POIS NÃO!... Schottisch.

Reconstituinte geral do Sistema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-XAROPÉ — NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Deposito Geral:
CHASSAING & Co, Paris, 6, Avenue Victoria.

Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

BEBÉ JUMEAU

Dilema de Henri

UNICO BRINQUEDO FRANCEZ RECOMPENSADO

Belleza
Solidez
Fallão
Feichão
OS
Olhos



ENCONTRA-SE NAS CASAS DE 1ª ORDEM

Exija-se o nome

A ESTAÇÃO (supplemento litterario)

Em casa de um barbeiro :

— Este cachorro é seu ? — inquire o Gaspar.

— Sim senhor, diz o barbeiro.

— Elle parece gostar muito de ver cortar cabelo.

— Não é isso, senhor, mas é que eu, as vezes, me engano, e tiro um pedaço da orelha do freguez...

*

Dois philosophos discutem o assumpto — casamento.

— T eploravel instituição! diz um

— Concedo.

— Com o andar dos tempos o amor desaparece...

e a mulher fica.

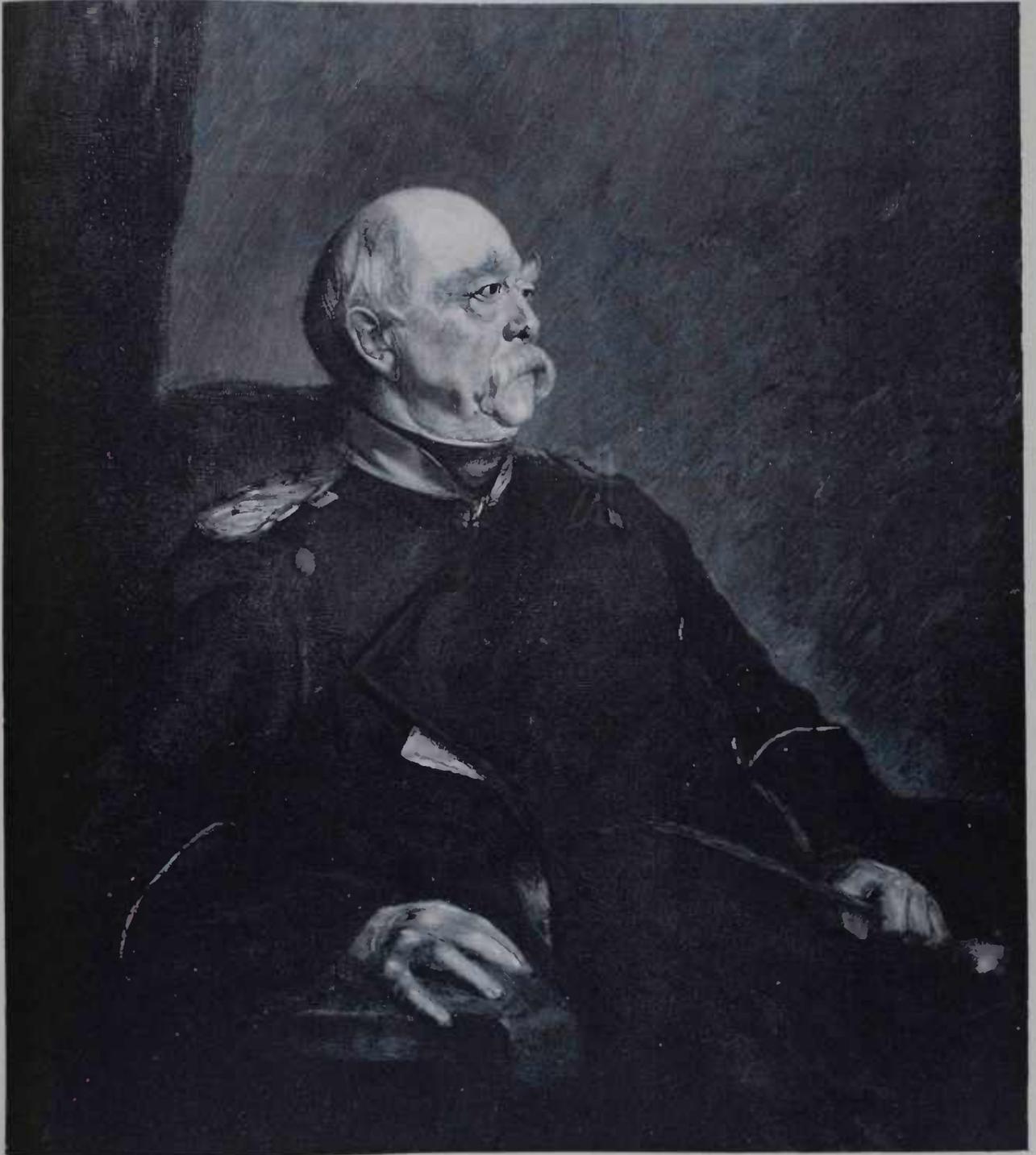
Um neto de D. Maria II, bispo

Acabado ser premissado bispo de Colonia o príncipe Maximiliano de Saxe, ha dois annos ordenado presbytero e nomeado capellão de Santa Walburga em Eichstaett. O novo bispo, o mais novo de todos os prelados catholicos, é doutor em direito e cavalleiro da Aguiá Negra da Prussia. Depois de ordenado, es' teve evangelizando em Inglaterra no bairro mais pobre e miseravel de Londres — Whitechapel. De regresso á Alemanha presou varias vezes na capella real de Saxe perante a familia real comp' sta de seus avós, seu pae, seus irmãos e suas irmãs.

É muito proximo parente da familia real portugueza

o novo bispo de Colonia, pois é, o quinto filho do príncipe George de Saxe e da sempre sandosa princeza portugueza a serenissima senhora infanta D. Maria Anna, filha de sua magestade a rainha D. Maria II e irmã de suas magestades D. Pedro V. e D. Luiz I, fallecida em 5 de feveteiro de 1884.

O príncipe Maximiliano nasceu a 17 de novembro de 1870. Pelos seus talentos e virudes o novo bispo de Colonia gosa das maiores sympathias e Leão XIII sem por elle especial predilecção, não sendo para admirar velo em breve revestido da purpura cardinalicia. E' actualmente o unico prelado catholico pertencente a uma dynastia real remante.



BISMARCK

Na ausencia

(RESPOSTA A UMA CARTA DE MINHA SUBRIDA IRMÃ LULIA, SO CLARA.)

Si pudesses abrir de par em par meu peito, e nelle ver-me o coração, como quem pode um livro soletta, o que dissesse, não dirias, não!

Ah! jamais saibas o intimo pezar, os barbaes supplicios, a afflictão, que sinto, por dali distante estar, aqui, neste deserto e solidão!

Longe de ti, de todos quantos têm, em minh'alma, lugar de affecto e amor, soffro, como jamais soffreu alguém!

E padeço torturas mil sem fim, e cada vez mais triste e soffedor, ah! nem posso chorar!... Pobre de mim!...

Tôrô.

Uma superstição polaca

Segundo uma superstição que existe na Polonia, todos os mezes do anno estão submettidos á influencia d'uma pedra preciosa, assim como todo o individuo está sujeito á influencia do mez em que nasceu. Os amigos e, sobretudo, os noivos, brindam-se mutuamente no dia do anniversario do seu nascimento, com joias de grande valor, nas quaes vai inserida a pedra do mez, com no precioso talisman.

Em janeiro offerece-se a granada, que significa lealdade sem limites e fidelidade em todas as relações da vida.

Em fevereiro a ametista, que preserva das paixões violentas e mantém a paz do coração.

Em março o rubi, emblema do valor no perigo e da perseverança nas empresas difficeis.

Em abril o diamante ou a saphyra, divisa da candura de alma.

Em maio a esmeralda, que presangia a alegria nas affeições.

Em junho a agatha, signal de inalteravel saúde.

Em julho a coralina, symbolo do esquecimento dos pezares causados por pessoas queridas.

Em agosto a sardonha, que indica felicidade estavel.

Em setembro o crysolito, que livra de pensamentos extravagantes.

Em outubro a opala, imagem do mal, que não desanima nos infortunios.

Em novembro o topasio, symbolo da constancia na amizade.

Em dezembro a turqueza, que promette a realisação das mais risonhas esperanças.

O teu amor

Poco uma gotta de rosa,
Outra gotta de absyntho;
Um traço de cor vistosa,
Outro de preto retinto;
Da aurora doce lampejo,
Da noite funerea treva;
Dece harmonia de mi leijo,
Sim de mi ai, que o vento leviz;
A mezclô do vellado,
Aguado espinho traidor...
— E o que formas d'isto tudo?
— O que formo? — O teu amor

Joaquim Serra.

Optimismo ou Pessimismo

Consideram as pyramides como maravilhas do mundo, ou os jardins suspensos de Babilonia, ou o colosso de Rhodus? Eu combera maravilha maior, talvez a mais engenhosa e a mais admiravel, que o espirito humano até aqui haja produzido: é o pessimismo. Fallo desse pessimismo verdadeiro, radical, arvorado em conceito do universo que contempla eternamente a natureza, a humanidade e a vida, como através de um mal de chizera de alta linhagem descendendo de oitenta nobres e illustres herde.

Devemos distinguir duas especies de pessimismo sincero: o pessimismo scientifico e o pessimismo pra-

tico. O pessimismo scientifico exerce uma critica temerosa sobre o mundo phenomenal todo inteno. O cosmos, proclama elle com convicção, é um miseravel desaso, em nada superior ao trabalho de qualquer remedião. Sua existencia terá um fim? E fica nisso a sacudir a cabeça deante da machina pesada e complicada e procura em vão um sentido e uma razão nessas absurdas todas. E se o universo em seu conjunto é uma mistura desarrastada e desprovida de plano, suas diferentes partes obdecerão pelo menos á logia de uma lei? Nada disso.

Um acceso prosiro governa a natureza e o que nella mais nos interessa, a vida humana. Nenhuma moralidade preside a marcha dos grandes, como dos pequenos acontecimentos, e o mal triumphá mais vezes que o bem; Ahim! atrá Otimuzd embaiuxa da escada e riuo impudentemente, quando este quebra uma perna. Porque então um egual mundo existe? Porque motivo dura elle? Não seria mais sabio e mais moral que fosse elle impellido para o mal, primeiro de onde pretendem fazel-o sair, o que aliás ainda não está de mistrado?

Mas que modo pueril e que presumpção no fundo desta maneira de pensar! Ella parte da premissa de que a consciencia humana é a mais alta função da natureza, que ella está em estado de abraçar tudo quanto existe, que portanto nada pode haver fóra della e que pois devem pertencer-lhe egualmente as leis do Universo. Só desse ponto de vista é que a critica do phenomeno cosmico é comprehensivel.

Com effeito, se a natureza e governada por uma consciencia, semelhante á do homem, e ella insensata e censuravel, porque não deixa transparecer suas intenções, commette tolices, ora e produz, ora lida, e gere os seus negocios, preocupando-se tão pouco com o dia seguinte, vivendo tão ligeiramente ao que der e vier que se deveria — e o mais cedo seria o melhor — polá sob a tutela de um professor de philosophia.

Dá-se o mesmo com a revoltante immoralidade da marcha deste mundo. Se um *gentleman* do XIX seculo, de boa educação, de sentimentos nobres, dotado de um bom certificado de vida e costumes entregue a si proprio pelas autoridades de seu paiz tivesse de determinar a ordem do mundo, esta seria certamente outra. Então o exemplo da virtude perseguida pelo destino não nos affligiria e nós não nos revoltariamos contra os triumphos insólitos do vicio. Cada vez tambem que um *gentleman* é chamado a imaginar um mundo a sua feição, por exemplo a compor um romance ou uma peça de theatro, o seu cuidado maior é impressionar-lhe a mais confortativa moralidade e o excellent publico bate palmas com todo o enthusiasmo, a ponto de estolar as mãos, quando ao voltar a ultima pagina ou no final do quinto acto a virtude recebe um premio e o vicio cinco annos de prisão e elle diz consigo mesmo: «E' o que é preciso!» Unicamente a vida nunca se accomoda com as normas do nosso poeta. Sem duvida, ha tambem entre os autoies, extranhos ou fínjias que se consagram á tarefa de copiar a realidade sem esculha nem melhoramentos e nas obras desses homens desprovidos de imaginação as coisas vão effectivamente tão mal quanto na vida real; João não obteve a mão de Margarida, embora a ame sinceramente e bellmente, mas esta lhe prefere um latão que a torna infeliz; o talento vai por agua abaixo, porque não se acha em circumstancias favoraveis a seu desenvolvimento, o presidente continúa presidente, mesmo que toda a cidade suba como foi que elle se elevou. Ver a scena bom conhecida de *Cibale Amour*, de Schiller. A moral faz tão malos negocios que no desenlace ella entra em banca rota e o publico despreza com indignação, produções tão deploravelmente immoraveis.

Esta pois bem entendido: a natureza nem tem logica, nem moral e deveria ou corrigir-se ou arranjar-se para desaparecer.

Mas, pobre imbecil que exeres esta critica, quem te diz que tua logica é outra coisa além da lei que regula a justa posição e a luncões dos processos organicos somente em nosso proprio aparelho de pensamento?

Quem te dá o direito de applicar a serie de estudos do Universo? Não é possivel, mesmo inteiramente verosimil que nossa logica humana não regule os phenomenos cosmicos, exactamente como a chavinha boca de nosso relógio do sistema antigo não abre, por exemplo, a fechadura de combinação de um cofre-forte? As forças em obra em nosso organismo e no universo podem entretanto ser as mesmas, assim como são os mesmos os principios mecanicos segundo os quaes a fechadura de combinação e o relógio são construidos. Não se trata aqui senão de um pequeno e de um infinitamente grande, entre um comparativamente simples e um complicado no mais alto grao. Nada prova que não haja na natureza uma consciencia geral cuja envergadura não é perceptivel a nossa estreita consciencia. Pode-se pensar no pantheismo de Spinoza ou na vontade de Schopenhauer; e nome não importa de modo algum. Uma coisa é certa; nos vemos que a materia, quando ella e aguçada em forma de cerebro humano, e a força, quando ella age como actividade nervosa, dão uma consciencia. Os mesmos elementos que formam o corpo e o cerebro do homem, e entre os quaes além do oxigenio, o hydrogênio, o azoto e o carbonio, o ferro, o phosphoro, o enxofre, o calcium, o sodium, o potassium, o chloro são os mais importantes, acham-se egualmente em massas enormes fora do organismo humano; as forças que produzem os factos vitaes, isto é as influencias clinicas, a fertilidade e outras formas de forças que nos são desconhecidas parecem tambem ter-lhes fora do organismo do homem. Quem ousaria agora assegurar temerariamente que esses elementos e essas forças não

podem produzir uma consciencia senão sob a forma de tecido nervoso, senão sob a forma de cerebro humano? Não é de suppr, não é mesmo verosimil, que a forma do tecido nervoso e o accidental e os elementos que o constituem, as forças que nelle agem, o essencial que estes podem servir de *substratum* a uma consciencia mesmo quando agem uns sobre os outros de uma maneira completamente diferente daquella poi que funciona nos organismos accessiveis a nossa observação?

Mas eu vou mais longe e digo: nós não temos mesmo necessidade da hypothese de uma consciencia universal, para comprehender que nós não estamos de m do algum no direito de medir os processos do cosmos com o curto metro da logica humana.

Para chamar de desarrastado o modo porque se conduz o mundo, nós devemos admitir primeiro que elle se projõe um fim qualquer, que elle se orienta para algum fim; com effeito, de um caminhante de quem nós não sabemos se quer chegar a alguma parte, que talvez caminhe simplesmente para se mover, nós não podemos dizer que elle escolhe atalhos falsos, faz voltas, não anda com bastante pressa. Mas esta supposição de um fim é completamente arbitraria. E perfeitamente admittivel que a finalidade, exactamente como a causalidade, seja exclusivamente um phenomeno ligado a processos organicos, e não exista de modo algum fóra do organismo.

A experiencia nos ensinou que acto algum do pensamento ou da vontade se produz em nosso cerebro, sem ser occasionado por uma modificação previa no sistema nervoso, por uma modificação sensorial; nós estamos pois habituados a suppr uma causa sensorial á cada uma de nossas acções, e cada processo de nosso organismo, mesmo se esta causa não chrouz especificamente a nossa consciencia e generalizamos este habito e o ligamos mesmo ao julgamento dos phenomenos que se passam fóra de nós. Mas porque nós seus orgãos têm necessidade de uma excitação exterior para serem postos em actividade, porque cada uma de suas modificações têm realmente uma causa, porque elles são assim effectivamente submettidos á causalidade, segue-se ainda que esta lei é valida tambem para a materia, quando esta se acha em condições completamente diferentes de seu arranjo em nosso organismo.

Admittamos que um moinho de café seja um ser dotado de consciencia. Não deveria elle crer que uma mão de mulher é a premissa indispensavel de cada um de seus movimentos, e que não se pode imaginar estes se não são operados por uma mão de mulher, dando volta á manivella?

Se agora esse pobre moinho de café visse uma machina electro-dinamica que e posta em movimento sem que uma mão humana intervenha, esse phenomeno lhe pareceria evidentemente incrível e elle procuraria em vão a causalidade que revestio para elle a propria exclusiva de uma mão de mulher. O moinho de café não pode seguramente admitir, segundo seu ponto de vista, senão uma mão de mulher, porque sem isso não ha movimento possivel para elle, sua experiencia deve leva-lo a esta convicção e elle tem perfeitamente razão no tocante a todos os moinhos de café; nós sabemos contudo que elle se engana, que sua lei não é susceptivel de generalisação, que ha tambem movimentos que não são produzidos por uma mão de mulher, em que peze a muitos imbecis galantes muito dispostos neste ponto a partilhar as opiniões do moinho de café.

Continúa.

COLLETES

DE
Mme. Camille Dupeyrat
113 RUA DO OUVIDOR 113
RIO DE JANEIRO

Os colletes privilegiados de Mme. Camille Dupeyrat são os unicos proprios para a moda actual, offercem sobre os demais colletes as vantagens seguintes:

Alonga e adelgaça o talhe, augmenta os seios ás pessoas pouco favorecidas; faz desaparecer a barriga, deixando, porém, os quadris e A CAIXA THORACICA completamente livres, o que permite apparelhar liguamente, tendo mais a grande vantagem de ser excessivamente leve e mo ter barbatanas do lado que diffirent os movimentos, e recomende-se, sobretudo, pela sua grande duração, sem precisar de concertos, enservando a primitiva forma até o completo uso.

Para dar uma idéa da sua superioridade, basta dizer que entre todos os fabricantes de colletes que concorreram a grande exposiçao de Chicago, foi a caso de Mme. Camille Dupeyrat que obteve a UNICA e a mais ALTA RECOMPENSA o que muito honra a Industria nacional.

DEPOSITO EM S. PAULO: Em casa de Mme. A. PEREIRA

38 Rua Direita 38

MOLDES CORTADOS
TAMANHO NATURAL

N. 27. Sria 1500. Pelo correio mais 100 reis.